

Sociedade

FORMADOS PARA EXPORTAÇÃO

Margarida Davim
margarida.davim@sol.pt

Portugal está a formar **médicos, engenheiros e enfermeiros que são aproveitados por outros países**. Saída de jovens qualificados desperdiça investimento na Educação e é um rombo para a Segurança Social.

Médicos, enfermeiros e engenheiros portugueses estão na mira dos empregadores estrangeiros. Enquanto cá se fecham portas, anúncios e feiras de emprego prometem melhores salários lá fora, contratos sem termo e reconhecimento profissional. E são cada vez mais os que saem de Portugal à procura de um futuro melhor. Muitos poderão não voltar, perdendo-se para sempre o investimento que o país fez na sua formação e agravando o buraco da Segurança Social.

Números recolhidos pelo SOL junto das universidades mostram que formar um engenheiro custa ao Estado, em média, cinco a oito mil euros por ano -, sendo que o tempo médio para concluir o curso anda pelos seis anos numa faculdade como o Instituto Superior Técnico. No caso de um médico, só a sua formação inicial de seis anos na faculdade implica um investimento de cerca de 10 mil euros por

ano. Nos restantes cursos superiores, cada estudante custa cerca de quatro mil euros por ano, sendo que a propina máxima em vigor é de 1.037 euros.

«Se não voltarem mais e se não transferirem dinheiro para cá, estivemos a investir na qualificação de pessoas que vão ajudar a desenvolver outros países», admite António Cruz Serra, reitor da Universidade Técnica de Lisboa.

'Efeito explosivo' para a Segurança Social

«O Governo olha para estas pessoas como despesa, mas elas também são receita. Se saírem, não contribuem para a Segurança Social, para o sistema fiscal e para o desenvolvimento da economia no seu conjunto» - avisa Manuela Arcanjo, especialista em Segurança Social e Finanças Públicas, que reconhece estar por calcular o impacto que a emigração de profissionais altamente qualificados terá no país. «Estamos a

perder uma geração, que estava em idade de ter filhos e de contribuir para renovação geracional», resume a ex-ministra socialista, que antevê um «efeito explosivo» para a Segurança Social.

Dados do Inquérito ao Emprego do Instituto Nacional de Estatística (INE) apontam para uma quebra acentuada da população jovem activa no último ano. Segundo este estudo, Portugal perdeu 131 mil pessoas entre os 15 e os 35 anos, entre Março de 2012 e o mesmo mês deste ano. Fonte oficial do INE frisa que «os números dos fluxos migratórios só serão conhecidos em Junho», mas admite que este estudo, que é feito por amostragem, já «pode apontar uma tendência».

Especialistas alertam que o crescimento demográfico e as contribuições para as Finanças e a Segurança Social estão em risco

131 mil portugueses até aos 35 anos saíram de Portugal em 2012, segundo o INE

Emigrantes portugueses na Alemanha sobem 43%, em 2012



Só 8% dos anúncios de emprego na Ordem dos Engenheiros é para Portugal



2.814 enfermeiros emigraram em 2012

«Profissionais altamente competentes são obrigados a emigrar», resume o bastonário da Ordem dos Engenheiros, Carlos Matias Ramos, que assume estar preocupado com o efeito destas saídas. «Há o risco de esses engenheiros criarem raízes nos países onde trabalham, o que poderá dificultar ou inviabilizar o seu regresso quando Portugal assim o necessitar».

Com a economia em recessão, a maioria das ofertas de trabalho na engenharia são para fora. «Segundo um estudo elaborado em 2012 por uma empresa de recursos humanos, nesse ano o recrutamento de engenheiros destinado ao mercado português foi de apenas 8%, correspondendo 15% ao mercado do Brasil e os restantes 77% ao de África», aponta Carlos Matias Ramos, que vê a tendência manter-se em 2013.

No site da Ordem, há neste momento 46 ofertas de emprego para o Qatar, 23 para os Emiratos Árabes Unidos, e a Noruega e a Holanda somam 42 anúncios. «Em África, a especialidade mais

procurada é Engenharia Civil. No Médio Oriente, são Engenharia Civil e Engenharia Mecânica, sendo esta também procurada na Europa», diz o bastonário.

Médicos e engenheiros em fuga

Se o que se promete no estrangeiro é aliciante, as perspectivas cá dentro não são animadoras. Carlos Matias Ramos diz que há ofertas para Portugal «colocadas de forma despuddorada em portais oficiais na internet, com ordenados ultrajantes, nalguns casos de 500 euros», que são «um motivo adicional para que os engenheiros portugueses procurem outros mercados».

Para os médicos recém-formados, as perspectivas também são melhores no estrangeiro. «Cá, até aos 30 anos, um médico recebe à volta de 1.100 ou 1.200 euros líquidos. No estrangeiro, há ofertas muito atractivas», reconhece António Marques Pinto, da Associação de Jovens Médicos. Além dos salários, surgem outros problemas: «Há médicos a mais a sair das universidades e começa a

Alemanha precisa de **200 mil** trabalhadores qualificados por ano

Brasil quer recrutar médicos portugueses (salário de **3.000** euros)

França procura **médicos clínicos gerais** (salário de **2.500** euros)

Noruega precisa de **14 mil** engenheiros

enfermeiros (**1.300 a 1.500** euros líquidos)

Bélgica tem empresa especializada em contratar **engenheiros portugueses**

Reino Unido: salários a partir de **1.800** euros para enfermeiros

Empresas portuguesas e estrangeiras **organizam feiras** para contratar médicos em Portugal para ir para fora

QUANTO CUSTA

Médico - € 10 mil

Nos seis anos da formação inicial de um médico, os contribuintes suportam um custo que ronda os 10 mil euros. Além dessa formação, há um ano de internato geral e mais quatro a seis anos para concluir a especialização nos hospitais.

Engenheiro - €5 mil a €8 mil

Formar um engenheiro custa entre 5 a 8 mil euros por ano. Em média, os alunos do Técnico demoram seis anos a completar o curso.

Outros - €4 mil

Em média, cada aluno no ensino superior custa ao Estado cerca de três mil euros. Os restantes mil euros são cobertos pela propina.

não haver vaga para fazerem a especialização nos hospitais».

Mais de sete mil enfermeiros emigram em quatro anos

Mas o problema português é uma oportunidade para os empregadores estrangeiros. «De cada vez que organizamos uma feira de emprego em Portugal, aparecem mais trabalhadores da área da Saúde», garante Catalina Poiana, da empresa de recrutamento Careers in White, que em Abril recebeu 900 médicos e enfermeiros num evento em Portugal para recrutar para países como Reino Unido, Alemanha, França, Bélgica e Noruega.

Os salários oferecidos começam nos 1.500 euros para enfermeiros, nos dois mil euros para médicos a tirar a especialidade e dentistas e nos quatro mil euros para clínicos especialistas. Cardiologia, medicina interna e pediatria estão entre as especialidades mais procuradas.

Liliana Costa, da empresa de recrutamento Best Personnel – que no ano passado conseguiu colocação no estrangeiro para mais de uma centena de candidatos –, explica por que os profissionais por-

tugueses de saúde estão em alta nos mercados internacionais: «O estereótipo é o de alguém motivado para progredir na carreira, assíduo, polivalente, de confiança, com boa capacidade de adaptação e bons conhecimentos técnicos».

Dados da Ordem dos Enfermeiros mostram que a tendência de saída tem aumentado acima dos 60% ao ano desde 2010. Só no ano passado, saíram 2.814 enfermeiros: mais 63% do que no ano anterior: Desde 2009, foram 7.062 os que emigraram.

Graziela Cordeiro tem uma empresa que recruta profissionais de saúde para França e explica que não é difícil entender os motivos da emigração. «Ainda há pouco falei com um enfermeiro com 19 anos de experiência em bloco operatório, que está a recibos verdes. Em França, num ano consegue-se entrar para a função pública, mesmo sendo estrangeiro». A vontade em manter profissionais qualificados é patente: «Já há Câmaras em França a comprar consultórios e a oferecer salários fixos, de 2.500 euros, a médicos que queiram fixar-se lá».

Vagas por preencher

No estrangeiro, há vagas que não são ocupadas por ser difícil conseguir o lugar. Uma cidade alemã ofereceu três mil postos, mas só 40 portugueses foram para lá. A língua é um problema.

Bastou uma pequena cidade alemã anunciar estar à procura de trabalhadores qualificados, para receber quase 15 mil candidaturas de Portugal. Mas muito poucos conseguiram emprego.

Schwäbisch Hall, no Sul da Alemanha, lançou em 2012 uma campanha para preencher 2.700 postos de trabalho e anunciou estar sobretudo à procura de engenheiros. Um ano depois, a maior parte das vagas continua aberta. «Não temos números exactos, mas andarão à volta de 40 os portugueses que vivem e trabalham aqui. E a maioria não são engenheiros», explica Robert Gruner do gabinete de imprensa da Câmara de Schwäbisch Hall. A explicação para tão poucos terem conseguido ficar na cidade pode estar num requisito básico: «É necessário ser fluente em Alemão», frisa Gruner. Dois dos portugueses que conseguiram emprego e são engenheiros trabalham na multinacional especializada em ar condicionado Ziehl-Abegg. «Os nossos colegas portugueses estão bem preparados», assegura o relações-públicas da empresa, Rainer Grill, garantindo que o nível de formação é semelhante ao de qualquer engenheiro alemão. Por isso, sublinha Rainer Grill, «para trabalho igual, pagamento igual».

A Ziehl-Abegg não gosta de revelar salários, mas garante não estar interessada em «contratar trabalhadores baratos».

O problema é mesmo a falta de engenheiros na Alemanha. «Só estamos à procura de engenheiros que queiram ficar cá a longo prazo, porque não temos gente altamente qualificada em número suficiente na Alemanha, apesar de termos aumentado os contingentes de formação em 10%», diz Grill.

Propostas a mais para a oferta

Estima-se que na Alemanha haja um défice de mais 100 mil engenheiros. Noruega e Bélgica – onde já há empresas especializadas em recrutar engenheiros do Sul da Europa – são outros países a precisar de licenciados na área.

A procura de pessoal qualificado é tão grande que, por isso, há casos em que excede a oferta. Em grupos de Facebook especializados em anúncios de emprego para o estrangeiro, como o **Manda-te** ou o **Emprego pelo Mundo**, muitas vezes há propostas a mais para os candidatos. «Há semanas, tive 30 vagas para enfermeiros no Reino Unido e soube que eles não conseguiram candidaturas suficientes», conta Filipe Amorim, do **Manda-te**. Filipe acredita que «os enfermeiros portugueses já deram provas que são bons» e diz que é por isso que o Reino Unido não desiste de os contratar: «Há anúncios quase todas as semanas».

M.D.



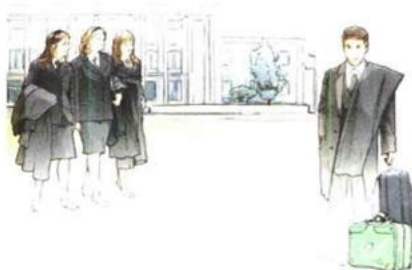
Schwäbisch Hall na Alemanha precisa de engenheiros

OSCAR ROOHA

Jovens formados para emigrar

Médicos, engenheiros e enfermeiros estão cada vez mais a sair do país. Portugal tornou-se um dos maiores exportadores de jovens licenciados para países que precisam de mão-de-obra qualificada, como o Brasil, a Alemanha, a Noruega ou a França. Se não regressarem, o país perderá o investimento feito na sua formação.

Em média, o Estado gasta quatro mil euros por ano com cada universitário. No caso das engenharias, os custos estão entre os cinco e os oito mil euros. E na Medicina o valor pode chegar aos 10 mil euros por cada um dos seis anos de formação na Faculdade. Destes valores,



Milhares de engenheiros, médicos e enfermeiros recém-licenciados abandonaram o país em 2012

apenas 1.037 euros – a propina máxima em vigor – são pagos directamente pelas famílias. O resto sai do Orçamento do Estado e das receitas das universidades.

Mas não é só o investimento na Educação que se perde. «**Se saírem, não contribuem para a Segurança Social, para o sistema fiscal e para a economia no seu conjunto**», alerta a especialista em Segurança Social, Manuela Arcanjo. «**Estamos a perder uma geração**», lamenta. Os dados do Inquérito ao Emprego do INE atestam, de resto, a tendência, revelando uma quebra de 131 mil jovens entre os 15 e os 35 anos na população activa em 2012. ➔ **Pág. 18**